

Línguas românicas: formação, estratos e classificação

Referências Bibliográficas

- BARTOLI, M. *Das Dalmatische. Altromanische Sprachreste von Veglia bis Ragusa und ihre Stellung in der apeninno-balkanischen Romania*. Viena: Kaiserliche Akad., 1906.
- BASSETTO, B. F. *Elementos de Filologia Românica*. São Paulo: Edusp, 2001.
- ELIA, S. *Preparação à Lingüística Românica*. R.J: Ao livro técnico, 1979.
- MONTEAGUDO, H. *História social da lingua galega*. Vigo: Galaxia, 1999.
- REI, F.F. *Dialectoloxía da lingua galega*. Vigo: Xerais, 1991.
- RENZI, L. *Nuova introduzione alla filologia romanza*. Bologna: Il Mulino, 1985.
- VIDOS, B. E. *Manual de Lingüística Românica*. Trad. de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

1. Formação

A formação das línguas românicas é a consequência de um processo civilizatório de romanização, que foi quebrada no princípio do sec. III d. C. Essa decadência decorre de causas intestinas, a saber, o despovoamento das cidades, o empobrecimento dos cidadãos, os altos impostos cobrados para a manutenção do Império, a decadência do exército. Foi esse o desfecho que teve a civilização urbana da antiguidade romana. Somam-se a essas causas as invasões dos bárbaros, ocorridas entre 375 e 568. Como consequência teremos uma nova geopolítica européia, que introduziu mudanças sociais relevantes com remanejamentos incessantes da organização territorial, sedimentando a descentralização da soberania romana.

2. Estrato

Os primeiros contatos entre romanos, povo dominador, e os povos dominados propiciaram uma relação de bilinguismo. A latinização não foi premeditada ou perseguida pelos dominadores, antes foi o resultado de um conjunto de fatores em que se desenvolveu a dominação romana e que determinou que os povos subjugados se

vissem no melhor dos casos impelidos e no pior obrigados a aprender o latim. Essa imposição propiciou um processo massivo de assimilação lingüística que serão pormenorizados a seguir. Ainda que o bilinguismo tenha vigorado nas diversas regiões do Império Romano, e que algumas regiões tenham sofrido uma romanização mais efetiva como é o caso da *Hispania*, nessa região, por exemplo, não se conhece um só documento oficial sob o domínio romano escrito em língua autóctone e nem sequer bilingüe. A situação mostra-se um pouco diferente nos textos de caráter privado e em inscrições monetárias. Nos fins do séc. II a.C. começa a intrusão da língua e do alfabeto latinos em concorrência com os ibéricos. Segue-se um período em que prevalece o bilingüismo. Até que na época de Augusto desaparece o bilingüismo e o latim se impõe na maioria das regiões. Em Gades e outras colônias púnicas, entretanto, cunhavam-se moedas escritas no alfabeto e língua neopúnicos até a época de Tibério (sec. I d.C.) (Monteagudo, 1999: 57). Essas regiões com tradição cultural e uma escrita e alfabetos próprios previamente à chegada dos romanos resistiam melhor à pressão do latim. O mesmo não se pode dizer do noroeste da Península; a escrita era ali desconhecida até a chegada dos romanos. Na *Gallaecia e na Lusitania*, por exemplo, todas as inscrições que se conservaram (sempre na época de Augusto ou posterior) estão escritas em latim, ainda que figure a onomástica autóctone, como por exemplo, *Medamus Camali e Cadrolioco*.

Uma situação de bilinguismo equilibrado, em geral, é raro se manter. Ocorre de uma das línguas se impor por força de prestígio sócio-político e cultural. Se a língua que se impõe corresponde à língua do povo vencedor, o povo que a adquire imprime características de sua língua autóctone, nesse caso costuma-se classificar de língua de substrato (*sub* + *stratum*, camada de baixo), termo designado por Graziadio Isaia Ascoli.

Vejamos a evolução do **F** inicial latino nas línguas românicas. Do lat. *folia* resultou em port. folha, em cat. *fulla*, prov. folha, fr. *feuille*, eng. *föglä*, it. *foglia*, log. *fodza*, vegl. *fuola*, rom. *foaie*; o castelhano e o gascão, entretanto, apresentam uma alteração fonética que se deve pela influência de substrato. A alteração concerne na pronúncia do **F** inicial latino pronunciado como aspirado, dessa forma **F** > **H**. Em gascão, todo **F** inicial passa a **H**; em castelhano, o **F** se mantém diante de ditongo, da vibrante simples [P], da lateral alveolar [l], assim, do latim *folia* resultou em cast. *hoja* e em gascão *huello*; em latim *filu* resultou em cast. *hilo* e em gascão *hiéu*; compare-se ainda do latim *furnu* que evoluiu para o cast. *horno* e no gascão *hùrnu*. A mesma aspiração verifica-se

no basco. A influência dessa aspiração é atribuída ao substrato ibérico e ao adstrato basco para Bassetto (2001,155); e ao substrato ibérico para Elia (1979:93) que atribui também a causas geográficas, o fato do basco também aspirar o **F** inicial e esclarece que “somente se encontra tal transformação nas línguas confinantes com o basco, isto é, castelhano e gascão, línguas de povos que têm uma base étnico-histórica comum, respectivamente ibérico-hispânica e ibérico-aquitânica.” A ocorrência desse fenômeno só se manifestou na língua escrita em documentos notariais do sec. IX, na região ao norte de Burgos. O registro escrito na norma culta dessa pronúncia, porém, chegou somente no sec. XV. A aspiração perdurou até os sec. XV e XVI, porém, já no sec. XVII tornou-se mudo.

Sugere-se para o substrato pré romano o originário do fenômeno da geada galega, que consiste na realização fricativa faringal do fonema oclusivo sonoro [g], assim defenderam Zamora Vicente, Rabanal e Fernández González (apud Rei, 1991:182), afirmam os autores que as inúmeras construções pré romanas dos castros ou palhoças na região onde se fala a geada confirmam a tese substratística.

Outro exemplo que ilustra a influência do substrato é o das assimilações [-nd-] > [nn] e de [mb] > [mm] recorrentes na Itália central e meridional e que são creditadas ao substrato osco-umbro. No norte da Itália onde o território celta atuava não se verifica essa mudança fonética. Dessa forma, na Úmbria, no Lácio e em parte da Toscana, ao sul, verificam-se *expandere* > *spanne*; *infundere* > *infonne*, *palumba* > *palomma*. Encontraram inscrições escritas desse fenômeno do osco-umbro, desaparecido a partir do sec. I d.C., nos sec. VI, X e XI, enquanto o prestígio de Roma e do latim vigoraram, a ação do substrato osco-umbro ficou contida.

Por vezes, um conjunto significativo de termos correspondentes a noções concretas, faltava na língua dos dominadores, são, em geral, termos designativos de topografia, espécies vegetais, objetos rústicos, entre outros. Se o substrato não denuncia a sua origem, recorre-se a um estrato anterior, é o que se designa por ação de subsubstrato. Para ilustrar o vestígio de subsubstrato ocorrido no latim, com uma espécie de cabra, a camurça, desconhecida pelos romanos, que habitava as partes altas dos Pireneus e dos Alpes. Em latim, *camox* (documentada apenas uma vez), remonta a um povo que habitou desde os Alpes através da Gália até o ocidente da Península Ibérica. Vejam-se o legado, através do lat. *camox*, herdado pelas línguas românicas: rético *kamots*&, italiano *camoscio*, fr. *chamois*, port. *camurça*, esp. *camuza*, cat. *camussa*. Esse subsubstrato

remonta a uma etnia e língua mediterrâneas, cujos territórios abrangiam toda a bacia do mar Mediterrâneo até a Ásia menor, incluindo as cordilheiras dos Alpes e dos Pirineus.

Foi Walther von Wartburg quem criou o termo *superstrato* para designar os vestígios da língua do dominador, que deixa de falar a sua língua e adota a língua do povo dominado. Assim temos o franco na Gália, o godo na Ibéria, o longobardo na Itália. Esclarece alguns empréstimos tomados do franco de verbos e adjetivos franceses como franco *kausyan* > fr. *choisir*, do franco *blâo* que resultou em fr. *bleu* (azul), ou do franco *brûn*, *brun*, em francês. Os godos deixaram vestígios no português, no galego e no castelhano vejam-se *espora*, em português, galego e cast., originário do got. **spaurā*; temos ainda do got. **spītus* que em port., gal, e cast. resultaram em *espeto*; do got. **lôfa* temos luva, em português, galego e castelhano. Herança goda no português e no galego encontra-se em **lāwerka*, que resultou em *laverca* (cotovia). A língua longobarda legou ao italiano um dos maiores acervos de *superstrato*, cerca de 300 palavras (Bassetto, 2001, 158), citem-se do long. *balk* ou *palk* que redundou em ital. *balcone e palco* e do long. *banka* e *panka*, que em ital. resultou em *banca e panca*. Há ainda a noção de *adstrato*, línguas que convivem em um mesmo território e que fornecem empréstimos, sendo que as línguas envolvidas não se superpõem, mas vivem uma ao lado da outra. É o caso do grego em relação ao latim, quando os romanos dominaram a Grécia. Ou ainda, os árabes, que em 711 invadiram a Península Ibérica, onde o árabe e as línguas romances da Ibéria conviveram no mesmo território. Mais do que uma nomenclatura esses estratos nos informam dos contatos e contribuições que os povos forneceram uns aos outros.

3. Classificação das línguas românicas

Os estudos de classificação das línguas românicas, elaborados de **F. Diez** no sec. XIX (1836) com a publicação da “Gramática das L. Românicas”, receberam critérios que reuniam alguns ou todos dos seguintes aspectos, a saber, características gramaticais, importância literária, geográfico e político. Dessa forma, classifica duas línguas orientais, o italiano e o valaco (romeno); duas sul-ocidentais, o espanhol e o português; duas norte-ocidentais, o provençal e o francês. Posteriormente, classificou o catalão como língua.

Mateo Bartoli (1906) ampliou o conceito de *substrato*, dado por Ascoli, como também considerou fatores étnicos. Dessa maneira, estabeleceu a linha do mar Tirreno ao Adriático, denominada La Spezia Rimini, que separa a Itália em norte e sul. A Itália do norte guarda estreitas semelhanças lingüísticas com o ramo ocidental e a do sul, com

o oriental, devido ao substrato celta, ao norte e ao substrato itálico ao sul. Bartoli, considera que são dez as línguas românicas e as classifica em dois ramos, ramo Oriental ou Apenino-Balcânico, que compreende **o romeno, o dalmático e o italiano**, o ramo Ocidental ou Pirineu-alpino, que abrange **o rético, o sardo, o francês, o provençal, o catalão, o castelhano e o português**. Para chegar a essa classificação, o critério lingüístico, particularmente o fonético e o morfológico foram também observados por Bartoli. Veja-se, por exemplo, a evolução do grupo *ct* latino. O ramo ocidental vocaliza a oclusiva surda, enquanto que nas línguas do ramo oriental ocorre uma assimilação consonântica, total no italiano, mas parcial no dalmático e no romeno. Vejam-se lat. *octo*, port. *oito*, esp. *ocho*, cat. *vuit*, prov. *uech*, fr. *huit*, mas it. *otto*, rom. *opt*. Compare-se também o tratamento dado ao [s] final. As línguas do ramo ocidental mantiveram o –s final, enquanto que as do ramo oriental o suprimiram. Observem, a partir do lat. *duos* a evolução das respectivas línguas românicas, ramo ocidental, port. *dois*, esp. *dos*, cat. *e* prov. *dos*, fr. *deux* (arc. *deus*) e o ramo oriental it. *due* e o rom. *doi*. Essa mudança fonética proporcionou uma mudança no subsistema morfológico, pois o morfema { -s } indicava em latim no sistema de declinações dos nomes, o acusativo plural e na morfologia verbal, a marca da segunda pessoa do singular. Assim do latim *capram* (acus. sing.) e *capras* (acus. pl.) o plural resultou, por exemplo, em port. *cabras*, esp. *cabras*, fr. *chèvres*. Já o it. e o rom., uma vez sincopado o –s final, recorreram ao nom. pl. da primeira declinação { -ae > -e } e segunda { -i }, vejam-se no italiano *capra* e rom. *capră* (sing.) e *capre* (pl.) nos dois idiomas; ou no ital. *cavallo* (sing.) e rom. *cal* (sing.), ital. *cavalli*, rom. *cai*. A linha Spezia Rimini, que divide os ramos apresenta não representa uma barreira intransponível de influências lingüísticas, observa-se, entretanto características ocidentais, por exemplo, no ramo ocidental.

Meyer Lübke (Einführung, 1920) classificou nove línguas românicas, a saber, romeno, dalmático, retorromano, italiano, sardo, provençal, francês, espanhol e português. Incorporou o catalão em 1925 às línguas da Península Ibérica.

Tagliavini (Le origini, 1949) propôs a seguinte divisão para as línguas neolatinas: grupo balcanorromance que compreende o romeno; grupo ítalorromance, que abrange o dalmático, o italiano, o sardo e o ladino; grupo galorromance, que compreende o francês, o franco-provençal, o provençal (e o gascão) e o catalão, que se relaciona com o grupo ibérico; o grupo iberorromance corresponde ao espanhol e ao português. O autor pondera que o romeno e o dalmático se relacionam entre si, apesar de este possuir muitos pontos de contato com o italiano, daí pertencer ao ítalo-romance. Assim como o

catalão que é o elo entre o galo-romance e o ibero-romance. Segundo o autor, além de outros critérios foram privilegiados a conformação geográfica e o substrato (1982: 354).

A proposta de *România Contínua* levou **Amado Alonso** a precisar a língua catalã, que ora integrava-se ao grupo ibérico ora ao gálico. O ponto de partida foi as relações culturais que as línguas românicas guardam entre si. Alonso destacou dois critérios, a saber, grau de latinização inicial e grau de fidelidade posterior à tradição latina (Bassetto, 2001, 257). A latinização profunda em algumas regiões e superficiais em outras, proximidade de Roma, o nível cultural do povo conquistado, resistência à romanização determinariam a extensão da latinização da língua romance. Se esses fatores, entretanto, fossem modificados nas línguas neolatinas pela presença de outras culturas, restaria averiguar o quanto a cultura românica foi afetada. Dessa forma, Amado Alonso propôs a denominação de *România Contínua*. Excluídos da *România* para Alonso foram o romeno, por ter se distanciado da *România*, a partir do sec. III, e o Francês devido à presença dos francos, povo não romanizados.

Vidos (Manual, 296) suavizou a proposta de Alonso e incluiu as línguas romena e francesa na *România Contínua*. Considera que as línguas da *România* são um *continuum* e que se interpenetram. As fronteiras políticas não separam as línguas que se amalgamam pelas linhas de isoglossas.

Em fins do sec. XX podemos citar o italiano **Lorenzo Renzi**, que segue a classificação feita por Tagliavini, em um manual denominado *Introduzione alla filologia romanza*, editado em 1985, considera as seguintes línguas românicas na Europa: portuguesa, espanhola, catalã, francesa, franco-provençal, provençal, sardo, italiano, (romanche) (e ladino friulano), dalmático e romeno.

O *Lexikon der Romanistischen Linguistik* (LRL), publicado em 1994, apresenta uma publicação panromanística, onde realiza o estudo das línguas românicas, muitas vezes conceituadas como dialetos românicos, é o caso do galego, que apesar de uma das línguas oficiais da Espanha, é considerado em muitos manuais de romanística como co-dialeto do português, classificação feita por Leite de Vasconcellos em 1901, inclusão que ainda se verifica na atualidade, veja-se, por exemplo, Lorenzo Renzi na obra *Nuova Introduzione alla filologia romanza*, em 1985, que inclui o galego como dialeto do português.

Sobre a classificação elaborada pelos estudiosos podemos inferir que estabelecer limites entre o que eles consideraram as línguas românicas em comparação aos dialetos

não é uma tarefa fácil. Como bem observou Tagliavini (op. cit. p. 356) a diferença entre língua e dialeto neolatinos é um problema de índole essencialmente prática e não científica, e pode ser consequência dos fatores históricos e políticos. Os fatos linguísticos nem sempre permeiam essa classificação.

LÍNGUAS ROMÂNICAS: formação, estratos e classificação (pto 7)

1. **FORMAÇÃO:** a formação das línguas românicas é a consequência de um processo civilizatório de romanização, que foi quebrada no princípio do sec. III d.C.

a) Causas:

- Internas: despovoamento das cidades, o empobrecimento dos cidadãos, os altos impostos cobrados para a manutenção do Império, a decadência do exército.
- Externas: as invasões dos bárbaros, ocorridas entre 375 e 568.

b) Consequências:

- Nova geopolítica européia, que introduziu mudanças sociais relevantes com remanejamentos incessantes da organização territorial, sedimentando a descentralização da soberania romana.

2. ESTRATO

a) Bilingüismo

- Hispania: alfabeto latino X ibérico, fins do séc. II a.C.
- Em Gades e outras colônias púnicas, entretanto, cunhavam-se moedas escritas no alfabeto e língua neopúnicos até a época de Tibério (sec. I d.C.) .

Hispania: Noroeste da Península, a escrita era ali desconhecida até a chegada dos romanos.

Hispania: *Gallaecia e na Lusitania*, inscrições, que se conservaram, estão escritas em latim, ainda que figure a onomástica autóctone: *Medamus Camali* e *Cadrolíoco*.

b) Substrato (*sub* + *stratum*, camada de baixo), termo designado por Graziadio Isaia Ascoli.

Exemplos:

- a evolução do **F** inicial latino nas línguas românicas.

Do lat. *folia* resultou em port. *folha*, em cat. *fulla*, prov. *folha*, fr. *feuille*, eng. *föglä*, it. *foglia*, log. *fodza*, vegl. *fuola*, rom. *foaie*;

O castelhano e o gascão: influência do substrato. Do latim *folia* resultou em cast. *hoja* e em gascão *huello*;

Latim <i>filu</i> resultou em cast. <i>hilo</i> e em gascão <i>hiéu</i> ;
Latim <i>furnu</i> que evoluiu para o cast. <i>horno</i> e no gascão <i>hùrnu</i> .
Basco: mesma aspiração.
Substrato que influenciou: ibérico e ao adstrato basco para Bassetto (2001,155) e ao substrato ibérico para Elia (1979:93) que atribui também a causas geográficas, que esclarece: “somente se encontra tal transformação nas línguas confinantes com o basco, isto é, castelhano e gascão, línguas de povos que têm uma base étnico-histórica comum, respectivamente ibérico-hispânica e ibérico-aquitânica.”

- Geada galega: fricativa faringal surda [□]

Substrato que influenciou: pré romano, segundo Zamora Vicente, Rabanal e Fernández González. (ESCREVER NA LOUSA).

- Assimilações de [-nd-] > [nn] e de [mb] > [mm]

Ocorrências: Itália central e meridional. Úmbria, no Lácio e em parte da Toscana, ao sul. Exemplos: latim: <i>expandere</i> > <i>spanne</i> ; <i>do latim infundere</i> > <i>infonne</i> , lat. <i>palumba</i> > <i>palomma</i> .
Substrato que influenciou: osco-umbro.
No norte da Itália onde o território celta atuava não se verifica essa mudança fonética.

c) Substrato : estágio anterior do substrato, quando este não denuncia a origem.

- Léxico: latim, *camox*.

Línguas românicas: rético kamots&, italiano <i>camoscio</i> , fr. <i>chamois</i> , port. <i>camurça</i> , esp. <i>camuza</i> , cat. <i>camussa</i> .
Substrato que influenciou: uma etnia e língua mediterrâneas, cujos territórios abrangiam toda a bacia do mar Mediterrâneo até a Ásia menor, incluindo as cordilheiras dos Alpes e dos Pirineus.

d) Superstrato: vestígios da língua do dominador, que deixa de falar a sua língua e adota a língua do povo dominado. Termo criado por Walther von Wartburg.

- *Choisir*, *bleu*, *brun*: recorrentes no francês.

Superstrato que influenciou: franco (Gália)respectivamente, <i>kausyan</i> , <i>blão</i> , <i>brûn</i> .
--

- *Espora*: presentes no português, no galego e no castelhano.

Superstrato que influenciou: got. **spauira*

- *Espeto*: ocorre no português, galego e castelhano.

Superstrato que influenciou: got. **spītus*

- *Luva*: português, galego, castelhano.

Superstrato: got. **lōfa*

- *Laverca*: ocorre no português e no galego.

Superstrato que influenciou: got. **láwerka*.

- *Balcone e palco*: ital.

Superstrato: longobardo *banka e pankā*

e) Adstrato: línguas que convivem em um mesmo território e que fornecem empréstimos, sendo que as línguas envolvidas não se superpõem, mas vivem uma ao lado da outra

- Latim e grego;
- Árabe e as línguas romances da Ibéria.

4. CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

- **F. Diez** (1836)

Crítérios: gramaticais, importância literária, geográfico e político

Línguas orientais: o italiano e o valaco (romeno);

Línguas norte-ocidentais, o provençal e o francês.

Línguas sul-ocidentais: o espanhol e o português; posteriormente, catalão.

- **Meyer Lübke** (1920)

Romeno, dalmático, reto-romano, italiano, sardo, provençal, francês, espanhol e português. Incorporou o catalão em 1925 às línguas da Península Ibérica.

- **Tagliavini** (1949)

Crítérios: conformação geográfica e o substrato.

Grupo balcano-romance: romeno;

Grupo ítalo-romance: dalmático, italiano, sardo , ladino;

Grupo galo-romance, francês, franco-provençal, provençal (e o gascão);

Grupo ibero-romance: espanhol, português. o catalão é o elo entre o galo-romance e o ibero-romance.

- **Mateo Bartoli (1906)**

Estabeleceu a linha do mar Tirreno ao Adriático, denominada La Spezia Rimini, que separa a Itália em norte e sul.

Considera que são dez as língua românicas e as classifica em dois ramos:

Ramo Oriental ou Apenino-Balcânico: **o romeno, o dalmático e o italiano.**

Ramo Ocidental ou Pirineu-alpino: **o rético, o sardo, o francês, o provençal, o catalão, o castelhano e o português.**

Critérios: lingüístico:fonético e morfológico; fatores étnicos.

lat. <i>octo</i> , ramo ocidental: <i>port. oito, esp. ocho, cat. vuit, prov. uech, fr. huit</i> , ramo oriental: <i>it. otto, rom. opt.</i>
lat. <i>duos</i> , ramo ocidental: <i>port. dois, esp. dos, cat. e prov. dos, fr. deux (arc. deus) e o</i> ramo oriental <i>it. due e o rom. doi.</i>

Amado Alonso : România Contínua

Critérios: as relações culturais que as línguas românicas guardam entre si: grau de latinização inicial e grau de fidelidade posterior à tradição latina (Bassetto, 2001, 257).

Excluiu: romeno e francês.

Vidos: suavizou a proposta de Alonso, incluiu as línguas romena e francesa na România Contínua.

Considera que as línguas da România são um *continuum* e que se interpenetram.

Lorenzo Renzi (1985): segue a classificação feita por Tagliavini.

Línguas românicas na Europa: portuguesa, espanhola, catalã, francesa, franco-provençal, provençal, sardo, italiano, reto-românico (romanche?) (e ladino friulano), dalmático e romeno. Inclui o galego no português.

Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL), publicado em 1994.

Realiza o estudo das línguas românicas, muitas vezes conceituadas como dialetos românicos, é o caso do galego.

Referências Bibliográficas

BARTOLI, M. *Das Dalmatische. Altromanische Sprachreste von Veglia bis Ragusa und ihre Stellung in der apeninno-balkanischen Romania*. Vien: Kaiserliche Akad, 1906.

- BASSETTO, B. F. *Elementos de Filologia Românica*. São Paulo: Edusp, 2001.
- ELIA, S. *Preparação à Lingüística Românica*. R.J: Ao livro técnico, 1979.
- MONTEAGUDO, H. *História social da lingua galega*. Vigo: Galaxia, 1999.
- REI, F.F. *Dialectoloxía da lingua galega*. Vigo: Xerais, 1991.
- RENZI, L. *Nuova introduzione alla filologia romanza*. Bologna: Il Mulino, 1985.
- VIDOS, B. E. *Manual de Lingüística Românica*. Trad. de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.